

NA BARRICADA

Periodico Anarquista

Ano II  Numero 3
15 DE ABRIL DE 1916

Toda a correspondência para a
CAIXA POSTAL 1936, Rio de Janeiro, BRAZIL

ASSINATURA
Brazil -- ano 5\$000 -- Exterior -- ano 7\$000
Numero avulso 100 rs.

NA BARRICADA

Contrariamente aos nossos desejos e apesar dos esforços despendidos, não temos podido manter a publicação regular de "Na Barricada".

Em reuniões sucessivas dadas pelo grupo Editor, ficou deliberado que, antes de a suprimir de vez, seja a folha publicada eventualmente, sempre que as circunstancias o permitirem.

Assim, sai hoje este numero, como outros irão saindo, á medida que os recursos que nos chegarem se façam suficientes.

Sem duvida, seria de maior vantagem, para a obra que se pretende, publicar-se o jornal com uma periodicidade regular. Mas como não é isto possível, pelo menos por agora, entendemos merecer preferencia essa irregularidade a um desaparecimento definitivo.

Esperamos que os nossos amigos e quantos simpatizem com a nossa obra não se pouparão, portanto, esforços no sentido de prestar o auxilio necessario á manutenção deste modesto propagador dos ideais de libertação humana.

Duas palavras

A fatalidade do progresso: eis um dos muitos erros que por aí correm impunemente, acarretando enormes prejuizos como todo o erro.

Para as pessoas que lhe concedem caráter de verdade, quer queiramos ou não queiramos, quer se produzam os fatos desta ou daquela maneira, as sociedades hão de caminhar sempre para diante, apesar dos obstáculos e entraves opostos á sua marcha pelos malditos defensores incondicionaes da rotina.

O progresso, conforme se deduz das suas erroneas afirmações, vem a ser uma coisa que retira a sua força de si mesma, que se move automaticamente, independente de motivos determinantes.

Semelhante conceito está, todavia, em flagrante contraposição com os mais insignificantes fatos sociais.

Duas correntes ajem sobre a sociedade. Uma, formada pelos individuos intolerantes, rotineiros, autoritários; a outra, constituida pelos amigos da tolerancia, das inovações benéficas, da liberdade que, para eles, representa a maior conquista humana.

A segunda é a do progresso; a primeira é a do regresso, da tradição.

A marcha da sociedade dependerá, portanto, do resultado do embate das forças dessas duas correntes adversarias.

Segundo o excesso de energias de uma sobre a outra, assim tambem a direção da sociedade: para a frente, para a luz, para a emancipação, ou para traz, para as trévas, para a escravidão.

Isso, aliás, é facil verificar. Depende somente de pequeno, mas honesto esforço mental.

Eliminem-se, com efeito, da sociedade os seus elementos de regeneração, que bem depressa remontará ela aos vergonhosos tempos do feudalismo, da barbaria. E a reciproca tambem é verdadeira. Espurgue-se a sociedade dos seus fatores de degradação, que com rapidez ascenderá ela ás altas rejões do bem e da libertação.

Concluindo. Caso efetivamente esperemos que o estabelecimento da Anarquia

virá proporcionar a todos a via franca e facil do progresso, necessario se torna, si somos consequentes com as nossas aspirações, que na difusão dos seus principios empreguemos as nossas melhores energias, os nossos melhores entusiasmos.

E, tanto maiores os esforços empregados, tanto menor o tempo durante o qual teremos de suportar ainda o pezo iníamante das instituições atuais, feitas de crimes e podridões.

A. D.

Na arena da revolução

Poderosos elementos dissolventes da nossa obra de progresso social arremetem, em formidável avalanche, sobre as hostes libertarias e os seus principios, ameaçando não deixar pedra sobre pedra do grande edificio de dignificação humana levantado pela estirpe mais brilhante que hajam visto as centurias.

As aves negras de todas as seitas religiosas redobram assombrozamente as suas atividades, pendendo sob os seus suntuozos templos fulgurantes — reliquias de um passado barbaro — o maior numero possível de consciências que pouco a pouco se adaptam ao ambiente de claudicações morais, confiando nas promessas de bem-estar na Terra e no Paraizo Celeste.

Os militares multiplicam-se como por encanto, e pretezem fazer envergar a farda a todo bicho vivente, e constituir um rejimem no qual o tipo específico deve ser o matão que, de espadagão em punho e de cutelo nos dentes, meta medo a meio mundo.

Os lejisladores, os funcionarios publicos, os politicos de toda faia, autoridades em vigor ou em perspectiva, aumentam como cogumelos e representam um perigo crescente para as idéas de liberdade, pois cada um destes homens publicos ou aspirantes ao posto de salvadores da patria e de curandeiros de todas as doenças economicas, politicas e sociais, leva no tórax um castelo de ambições de riquezas e de mando, que é o cazo de arranjar passagem para outro mundo.

E quando estas nuvens de devastadores obscurecem os nossos horizontes de luz, de amor e de justiça, poderemos nós, os anarquistas, ficar impassiveis, deixando que as leijões adversarias nos envolvam e arstarem na sua impetuosa carreira?

Não. Não é possível!

A nossa passividade representaria um suicidio.

E, desde que o dezechilíbrio economico atual está provocando a débacle capitalista e o, incalculável dezastré que o determinismo social do rejimem cauza á humanidade, entendemos que a bancarrota dos postulados estataes, patrióticos e religiosos, oferece um ecelente campo para a propaganda dos ideaes revolucionarios, achamos que tudo convida á luta sem tréguas nem desfalecimentos para dar o golpe mortal ás forças da reação.

Não se concebe, pois, que os anarquistas fiquem com a boca aberta vendo como as coortes inimigas se avolumam e avançam.

Cada anarquista deve ser uma unidade ativa, superior ás miserias correntes, um gladiador perene, redobrando de atividade, de coragem e entusiasmo, quanto maiores sejam os obstáculos a vencer. Nenhum motivo, a não ser a inferioridade ou a morte, pode arredar da arena da luta o homem que realmente se sinta anarquista, posto que na propaganda e na ação constante em prol do ideal, é onde pode encontrar alguma satisfação para as suas elevadas aspirações de redenção humana, algum motivo para a sua existencia.

Tudo o mais se rezume na vida vejetativa, grosseira, bem como na adaptação á imunda sociedade que tudo corrompe e infeta.

Alguem fala em cansaço, em falta de harmonia entre as falanges subversivas, em compromissos de emprego, de capital ou de familia. Não ha tal.

O que tudo isso representa é covardia, falta de dignidade e de brío para não se deixar vencer e envenenar pelo ambiente de dejeneração que nos cerca.

E' preciso considerar o efeito dezastró que causa ao progresso da nossa campanha libertadora a retirada de algum ou alguns militantes! Especialmente entre os iniciados na luta e os que, de fóra, observam o nosso movimento de revanche.

Em muitos casos, a retirada destes pioneiros prejudica mais do que si nunca tivessem militado no nosso campo.

E' certo que temos de realizar sacrificios, trabalhar entre as massas inconcientes, analfabetas e descamizadas. Mas, que prazer moral nos poderia causar uma obra na qual não tivéssemos de deixar retalhos de nossa vida? Que satisfação poderíamos sentir numa tarefa ao lado dos instruidos, satisfeitos e encacacados?

A intensidade das nossas paixões, da satisfação dos nossos sonhos de conquista libertarias está na propaganda a todo transe, na luta á braço partido contra o inimigo comum, na sublevação das massas contra a prepotencia, na rapidez com que as nossas idéas se difundem no cérebro das multidões e na força com que elas fazem vibrar no coração dos revoltados, está na prisão, na expulsão ou no desterro, e finalmente, na desesperação que os ladrões do capital e os bandidos do poder sentem quando se veem acossados pela massa grei de combatentes, sem poderem fugir de uma vez os seus impetos de reivindicação triunfante.

Logicamente, não podemos pretender que todos os anarquistas sejam Cristos. Porém, tanto vai decaido o animo de muitos camaradas, tanto o pensamento e o ceticismo vão minando a sua tempera que chegam ao ponto de achar inutil tudo quanto se faz, acabando por negar valor a todas as iniciativas e tornando-se para sempre desolados e sem mais realistas que o rei.

O peor é que acabem por não tomar nada a serio, fazendo uma critica inconsculta ao trabalho que os outros realizam, desconcertando-os com a ironia fátua e tola, mas sumamente daninha.

Os infelizes colocados neste declive de depravação perdem os ultimos vestijios do caráter e ficam como bandeirinhas ao vento, trocando de opinião como de camisa, caindo no charlatanismo vulgar e inócuo.

Quando o desbarato das nossas hostes é produzido pela pressão exterior, isto é, pela reação estatal ou patronal, pouco ha a temer, porque facilmente se reorganizam as forças e a luta se renova com mais vigor e pujança.

Porém, no momento em que a dispersão se produz do que poderíamos chamar centro de gravidade, aí da nossa obra e de nós mesmos! tudo se desfaz como uma bola de sabão, tornando quasi impossível uma nova etape de progresso social.

A retirada, mais ou menos voluntaria, dos militantes, anarquistas do seu posto de combate, equivale, digam o que dissérem, á uma verdadeira traição á causa da liberdade.

E, si os reacionarios, burguezes ou não, merecem o mais formidável anátema: o que poderíamos dizer dos traidores?

Basta já do descomponendas indefinidas. Devemos deixar de conciliar o que se repele, de nadar entre duas aguas. As meias tintas apagam a vivacidade das cores e estabelecem a confusão. Nós precisamos viver ás claras. Ou se é anarquista e se trabalha seriamente pelo próximo advento da Anarquia, ou se declara francamente a passagem para o lado oposto.

Toda iniciativa tendente a provocar o movimento emancipador, por modesta que seja, deve merecer a nossa consideração.

A todo custo devemos evitar que se faça pouco caso ou se brinque com a fossa obra de destruição de todas as escravisa-

ções, com os nossos ideaes que vizam suprimir as dores humanas, enxugar as lágrimas dos que sofrem a revoltante exploração capitalista e a violencia governamental.

Sem temor de que as minhas palavras sejam interpretadas como um lirismo sentimentalista, afirmo que cada anarquista tem que ser consequente com os seus principios, promover a rebelião conciente do povo, representar a revolução em marcha para a Anarquia.

Primitivo Soares

PROGNOSTICOS DA GUERRA

A opinião jeral do Brazil, qualquer que seja a simpatia por um dos grupos belijirantes na Europa, é a de que devemos permanecer absolutamente neutros no tremendo conflito.

O governo tem mantido e procurado manter essa atitude, embora sem lançar os justos protestos contra os prejuizos cauzados ao comercio brasileiro pelas medidas inglesas tendentes ao bloqueio rigoroso da Alemanha.

No ponto de vista anarquista pouco nos importam processos ou tratados, alianças ou barbaridades dos guerreiros capitalistas. Combatem pelo seu dinheiro, e por dinheiro vendem a alma e o corpo, cospem na imagem do proprio deus que adoram. A ação anarquista perturbada além mar pelo sitio marcial aguarda ali o azado instante para renacer violentamente e influir na remodelação social vindoura.

No congresso anarquista sul-americano foi aventado por um grupo em maioria a idéa de aqui dezenolvermos tenaz campanha contra o patriotismo guerreiro e significarmos aos companheiros de Europa a necessidade de se prepararem de antemão para a luta post bellum.

Chegou a ocasião propria de fazermos sentir, os anarquistas sul-americanos, nossa vijilancia e vontade.

Os governos de França e Inglaterra conseguiram facilmente a participação de Portugal na guerra e agora esforçam por arrastar tambem a America do Sul.

A ação do consulado inglez é sistematica e ha pouco se espalhou a opinião cavilosa e tendencioza do consul francez na questão do café paulista.

O orgão brasileiro atravez do qual as manobras miseraveis se estão fazendo é a Liga pró Aliados. Com a entrada imbecil de Portugal na guerra os dovidivas da tal Liga, literatos e politicanes, decidiram aferroados pela gente aliada intrrometer-nos no conflito.

O pretexto foi a questão do café paulista. Anunciaram que a Alemanha havia sequestrado, isto é, roubado o café depositado em Hamburgo e se recuzara terminantemente a pagá-lo.

Demonstrou-se que era mentira. O negocio foi licitamente feito com aquieccencia do governo de S. Paulo e a quantia depositada, por indicação do mesmo governo, na casa bancaria Betschroeder. Era impossível sofismar diante da mensagem do dr. Rodrigues Alves e da entrevista do "Imparcial" com o sr. Cardozo de Almeida, secretario das finanças do governo paulista.

S. Paulo dezejava apenas que o governo alemão se responsabilizasse pelo dinheiro depositado no banco alemão.

A Liga pró Aliados propunha a requisição dos navios como garantia do tal café suposto roubado, mas que tinha sido pago á vista.

Isto era a reprodução da infamia cometida por Portugal. Tivhamos dado hospitalidade a navios alemães em perigo. Estenderamos sobre eles a nossa pompoza soberania, garantindo-lhes proteção e sal-

vamento. E do dia para a noite, Antonina Silvino de cazaca, nos apossamos violentamente desses navios, sem a menor sombra de respeito ás lindas leis mascotas das pelo mascote parlamentar.

Os maiores juristas brasileiros, os conhecedores do labirinto de codigos e tratados, declararam a injustiça da lembrança e o governo alemão respondendo ao pedido brasileiro assumiu imediatamente a responsabilidade do dinheiro depositado.

Falhado o bote procuraram dar curso á idéa de uma acção conjunta do A. B. C. para a requisição dos navios. Mas o Chile se opõe ao plano. Lá, todos os officios do exercito e da armada são jermanofilos e logo no começo da guerra, endereçaram á Alemanha um manifesto de incondicional simpatia.

Era indispensavel buscar outro pretexto. A Liga pró Aliados por proposta do seu socio positivista, o engraçadissimo sr. Reis Carvalho e do sr. E. Pereira, resolveu nada menos, nada mais que pedir ao governo a ezijencia do dinheiro depositado na Alemanha, quando todos sabemos que a Alemanha não consentirá nunca na saída de ouro dos seus bancos. E tem toda a razão nisso. Si nós brasileiros, neutros e em paz, fechamos nossa caixa de conversão e proibimos a esportação de ouro, depositando aqui mesmo o dinheiro de pagamento das dividas esternas federaes ou estadoaes, como querer forçar outra nação em guerra a proceder diferentemente do que fazemos, com a agravante de ir esse dinheiro servir para a fabricação de armas adversarias?

Si o governo brasileiro caisse na loucura de endereçar essa ezijencia á Alemanha teria ou de ouvir um não e humilhar-se ou declarar guerra imediata.

E' isso positivamente o que dezejam os inconcientes da Liga pró Aliados.

Inconcientes é o termo. Por amor do dinheiro paulista que não está emprestado á Alemanha, note-se bem, mas depositado num banco esperando a oportunidade de ser remetido sem prejuizo do devedor, rendendo juros aceitos pelo governo paulista, por amor desse dinheiro nós nos meteriamos numa aventura cujos gastos seriam enormemente superiores á quantia reclamada.

E isso para que? Para servirmos de gato morto á Inglaterra eszusta e em perigo, á infame politica inglesa que nos tem prejudicado imensamente, provocado inumeras vezes, aos capitalistas e banqueiros ingleses cujo mister é nos emprestar dinheiro a juros ameaçando-nos as alfandegas si falharmos aos compromissos.

E quem irá combater os alemães? Os srs. aliadofilos ficarão em casa, fumando charutos, lendo revistas, bangolando na Avenida. Marcharão os officios dos regimentos e a soldadesca e o povo de operarios e os párias brasileiros famintos e esfarrapados.

A acção anarquista deve agora molestar, contraminar essa tendencia dezastrada e necia.

As rezoluções do congresso anarquista sul-americano precisam reviver no espirito de nós todos e perdermos a oportunidade é mentirmos a nós mesmos, trairmos nossas proprias decizões, estadear a ineficacia do nosso esforço.

O Brasil em guerra com a Alemanha seria a mais inepta cabeçada politica de todos os tempos.

Seria uma inutilidade no conflito europeu portermos a guerra interna com os alemães insurretos e a guerra civil contra os brasileiros amigos da Alemanha. E' injenuidade supor que todos os brasileiros se deixariam matar por amor dos ricosos ingleses ou francezes.

Demais a guerra seria uma abominavel covardia. Seriamos incapazes de declarar guerra á Alemanha sózinha, como fomos incapazes de fazel-o á Inglaterra quando se apossou da Trindade. Aproveitar as dificuldades de agora para com os nossos chuços e bodoques maltratarmos a nuca do gigante em peleja é rematadamente a mais degradante covardia.

E essa covardia é proposta por um fanatico, amigo da Humanidade com h maisculo.

Mas nós anarquistas não cruzaremos braços e saberemos ajir conforme ajirem os cabeças de vento de qualquer Liga.

José OITICICA

AVIZO IMPORTANTE

Todos os valores, pedidos e correspondencia, devem ser dirijidos em nome de Manoel Campos, administrador do jornal. Endereço: Caixa Postal 1936, Rio.

A ESMOLA

Como é mesquinha a tua econciencia, O' criatura humana, ó meu irmão... Quando estendes á docil indijencia A tua branca e piedosa mão.

O réprobo mendigo, — na existencia Ainda mais humilde do que um cão Aceita e cuida sér da Providencia... As migalhas do nosso coração...

— Abre-se a flor brilhante da Verdade! — E a alma limpida educada e nobre Vê á luz dela a nossa falsidade.

O rico dece ainda mais que o pobre. Achincalhando assim a caridade. Numa moeda mizera de cobre.

Miranda Santos

AVIZO

Todas as importancias destinadas a "Na Barricada" devem ser endereçadas escluzivamente a Manoel Campos, Caixa postal 1936, Rio de Janeiro.

Sobre a guerra

O conhecido escripton Alberto Torres, publicou ha dias n' "A Noite" um belo artigo sobre a guerra, do qual extraimos o seguinte trecho: A ultima parte do trecho estraido foi por nós gritada:

"De cada **oecumene** humana, para as zonas visinhas, a fatalidade das guerras perpetuou-se, até completar-se a posse e o conhecimento integral do Globo. Dentro, porém, de cada **oecumene**, e, em nossos dias, depois que a civilização ligou definitivamente, umas ás outras, com os multiplos instrumentos de suas relações, todas as partes do planeta, — a ignorancia e a paixão, as ambições e as cobiças, fermentaram e convulsionaram o mundo, em lutas quasi continuas.

A guerra passou a ser um facto social, uma instituição moral, religiosa e politica. Facto moral, ella baseou-se sobre as informações residuarias das mais violentas das nossas paixões, syntherisadas nessa noção marcial da honra, que outra coisa não é sinão o reflexo das formas mais grosseiras e animaes do amor proprio, do instinto malevolo, do orgulho despotico, e violento, do nosso egoismo: o impulso de ira, de colera, de vingança, que foi razão dos duellos, das ordalias, pessoas ou publicas, das guerras privadas, das represalias da vendetta; facto religioso, ella nasceu sempre da estreiteza moral e da aggressividade social de todos os credos, que lhes impoem a supremacia das suas crencas, dos seus dogmas e das suas autoridades, sobre os impulsos de solidariedade humana, de paz e de concordia entre os viventes, com base nos sentimentos e affectos "reaes" na bondade e no altruismo espontaneos das nossas almas; facto politico, social e economico, ella traduz as explosões das ambições e dos interesses, não tanto pela fatalidade impetuosa e ingovernavel dos impulsos, mas por falta de uma organização das relações humanas, em prol da solução reciproca das necessidades, resultado da debilidade moral e intellectual dos dirigentes da nossa época, para enfrentar os seus problemas. A guerra propria de nossos dias, a guerra automaticamente determinada pelos choques desencontrados dos desejos e dos actos, a guerra logica deste tempo — fatal, necessaria e mecanica, como um cataclisma — seria a grande guerra entre as classes, para extincção dos privilegios sociaes, e a guerra de hierarchia, entre as raças e as nações, para nivelção das forças e dos meios de acção. Esta seria a "guerra justa", no sentido rigoroso das reacções naturaes da Historia. Não seria mais destruidora do que a que presenciamos, que outra coisa não é sinão uma destruição de raças "civilizadas", que se extinguem, em face de raças tidas por inferiores, que, por emquanto, permanecem".

CONFERENCIA

Quinta-feira, 20 do corrente, o camarada Santos Junior realizará uma conferencia sob o tema: Teatro Livre.

Precederá a conferencia uma dissertação acerca das vantajens educativas do teatro, feita pelo camarada Felix Pereira.

A entrada é franca.

EM PORTUGAL

O PROGRAMA DE 29 DE JANEIRO

No dia 11 de fevereiro a policia forneceu aos jornais de Lisboa, que lhe deram a publicidade alvorçada das suas largas tirajens — mais de 200.000 exemplares ao todo — o texto dum programa que ella afirma ter apreendido em caza dum dos detidos por cauza dos acontecimentos de 29 de Janeiro.

Esse documento começa por declarar solenemente que a "insurreição popular" que se vai iniciar "ontra a carestia dos jeneros, isto é, contra a actual organização social, baseada sobre o privilegio da propriedade e por consequencia sobre a especulação commercial e a exploração do homem pelo homem, crimes legalizados e defendidos pelo Estado, alimentado por todos os partidos politicos, tem um caráter perfeitamente economico, sem entendimentos com nenhuma das greis politicas, cujo unico fim é a substituição de homens nos cargos do governo, ficando o povo na mesma, senão pior, situação economica e moral, como o demonstra a historia de todas as revoluções politicas".

O movimento vizava ao seguinte:

1º Distribuição, entre o povo, dos comestiveis e objetos necessarios armanezados e assambarcados;

2º Comunização dos meios de transporte, para levar os jeneros aos mercados existentes e a fundar, sendo tudo administrado pelos sindicatos e suas federações;

3º Instalação de cozinhas comunistas nos antigos conventos e atuais cozinhas economicas, tendo o povo entrada gratuita para duas refeições diarias;

4º Instalação de velhos e crianças nos edificios publicos, escolas, conventos, etc. levando-se para lá todos os moveis e objetos necessarios, assim como um pessoal devidamente habilitado, capaz de solidariedade, respeito e regularidade nos servicos.

O programa recomenda aos insurretos:

1º — Para dar ao movimento desde logo todo o caráter comunista, o lançamento á rua de tudo o que for saqueado;

2º — A destruição dos estabelecimentos de bebidas e a derramamento pelo chão do vinho e do alcool;

3º — A explicação publica, em todos os cantos, das causas e fins da revolta;

4º — Proclamação da greve geral;

5º — Nenhuma obediencia aos politicos;

6º — Como minimo, em cazo de triunfo incompleto, greve de inquilinos e conservação das armas.

O fim supremo da insurreição é resumido no n. 10º do programa: cazo o governo se desorganiza, o povo estabelecerá o inicio da Comuna portugueza.

O resto do documento refere-se a disposições e meios de combate, couza acidental e incidental...

Que teve a policia em vista fazendo publicar este programa? Cremos que os seus intuitos foram estes:

1º — Assustar as classes médias e os partidos politicos que se sintam inclinados a recorrer ao povo para derribar a grei atualmente no poder;

2º — Dezacreditar o movimento libertário, dando-o como obra de doídos e sonhadores que julgam poder mudar de um dia para o outro, inteiramente, a organização social;

3º — Infamá-lo, mostrndo-o violento e feroz... em face da brandura e amor que reinam por essa Europa fóra;

4º — Talvez tambem mostrar a pobreza literária do documento.

E' pelo menos o que os jornalistas burguezes (entre os quais algum ex-anarquista, hoje rafeiro que a baba da hidrofobia alcoolica torna repugnante e que está sobretudo furioso contra a lembrança de entornar o alcool pelo chão), é pelo menos o que eles procuram acentuar.

Mas não será para tapar o efeito da publicação do programa? Consta-nos que entre os politicos, mesmo governamentais, ha indignação contra a tremenda "bota" policial. E no Janeiro, o nefável conselheiro Alpoim escreve:

"O que ocorre no Alentejo é grave; e, especialmente no distrito de Évora, reveste uma importancia ecceional e de natureza a nem sequer convir relatal-o. Acho um erro, porque só quem desconhece todas as condições psicologicas humanas é que assim pratica o trazer á publicidade determinados fatos sociaes.

Agora, cometeu-se aqui um desses; foi praticado por jornais que divulgaram o manifesto comunalista (comunista, sr. Conselheiro, comunista) dos elementos opera-

rios exaltados. Não se convenceu a lutar a burguezia, que é covarde por condição, em todos os paizes, e fez-se involuntariamente, nos meios exaltados sindicalistas e anarquista, uma larguissima propaganda. Fique-se certo de que acresceu, e não diminuiu, o numero dos revoltados. Não contarei, pois, o que tem succedido em aldeias, outrora laboriozissimas, pacificas, com os lavradores respeitados e queridos".

E os camaradas, que acham? Qual a sua opinião sobre o programma — que é já seja como for, um documento historico? Responda quem quizer, pois não se fazem convites especiais...

O ESTADO

... Quem diz Estado, diz violência, opressão, exploração, injustiça, erijidas em sistema e tornadas fundamentais da própria existência da sociedade. O Estado nunca teve e nunca poderia ter moral. Assim moral própria e a sua unica justiça é o interesse supremo da sua conservação e da sua onipotencia, interesse ante o qual se deve curvar tudo o que é humano. O Estado é a própria negação da humanidade. E' o duplamente: como oposito da liberdade humana e da humana justiça (no interior) e como interrupção violenta da solidariedade universal da raça humana (no exterior). O Estado universal, varias vezes tentado, sempre se mostrou impossivel, de forma que, enquanto houver Estado, há-de haver Estados; e como cada Estado se apresenta como um fim absoluto, pondo o culto do seu ser como a lei suprema á qual se devem subordinar todas as outras, daí resulta que, enquanto houver Estados, a guerra há-de ser perpétua. Cada Estado há-de fundar o seu poder sobre a traqueza e, se o puder fazer sem perigo para si mesmo, sobre o aniquilamento dos Estados.

Querem, meus senhores, o que quer este Congresso, quer o estabelecimento duma justiça internacional e duma paz eterna, e querem ao mesmo tempo a conservação dos Estados, seria pois da nossa parte uma contradição e ingenuidade ridiculas. Fazer mudar aos Estados a sua natureza é impossivel, pois precisamente por essa natureza e que são Estados, e não poderiam separar-se dela sem deixar imediatamente de existir. Pelo que não há nem pode haver Estado bom, justo, virtuoso. Todos os Estados são maus, neste sentido, que, pela sua natureza, pela sua base, por todas as condições e fim supremo da sua existência, são completamente o contrario da liberdade, da moral e da justiça humana. E sob tal aspecto, digam o que disserem, não existe grande diferença entre o selvagem Império de todas as Russias e o Estado mais civilizado da Europa. Sabeis em que consiste esta diferença? O Império do tsar faz cenicamente o que os outros fazem hipócritamente. O Império do tsar, com a sua franca maneira despótica e desprezadora da humanidade, é o unico ideal para o qual tendem, admirando-o em segredo, todos os homens de Estado da Europa. Todos os homens de Estado da Europa fazem o que ele faz, na medida em que lho permite a opinião publica, e sobretudo a solidariedade nova, mas já poderosa, das massas operarias da Europa. --- opinião e soli-

dariedade que contem os germes da destruição dos Estados. Em matéria de Estados, os únicos virtuosos são os Estados impotentes; mas esses mesmos são culpados nos seus sonhos.

Concluo: Quem quer connosco o estabelecimento da liberdade, da justiça e da paz; quem quer o triunfo da humanidade, quem quer a emancipação radical e completa (econômica e política) das massas populares, deve como nós querer a dissolução de todos os Estados na federação universal das associações produtivas e livres de todos os países.

A biblia

Biblia!

Livro imoral, que anuncia ao mundo a existência de um Papão que não faz a barba ha seis mil anos (Guerra Junqueiro, **A Velhice do Padre Eterno** pag. 32). Papão ignorancia e a dezarmônia entre a humanidade!

Biblia!

Livro imoral, que ao mundo a existência de "um Papão que não faz a barba ha seis mil anos" (Guerra Junqueiro, **A Velhice do Padre Eterno**, pag. 32). Papão cujo nome é a terrível massa com que os homens, diversamente inspirados, os grandes ejnios derribaram a liberdade a dignidade, a razão e a prosperidade dos homens (Bakounine, **Dios y el Estado**).

Biblia!

Livro que tem mais contradições, do que ganhotos a terra do Egipto!

Esse livro é tão imoral, que Emanuel Rhoidis, referindo-se a um personagem do seu romance — **La Papisa Juana** — diz que ele não era versado nas immoralidades porque ainda não o havia (E. Rhoidis, **La Papisa Juana**, pag. 123)!

A declaração de Tertuliano de que das escrituras se desprende toda a verdade e sabedoria do mundo, afetou mais tarde, ao desenvolvimento intelectual de toda a Europa (Draper, **Hist. de los Conflictos entre la Religión y la Ciencia**, pag. 42).

Essa declaração foi a cauza de todas perseguições que se fizeram aos cientistas: Giordano Bruno, foi queimado; Galileu, foi encerrado em uma prisão, onde terminou o resto dos seus dias, depois de ter, de joelhos e com as mãos postas sobre a Biblia, abjurado e detestado a doutrina do movimento da terra; Newton, foi escarnecido; Copernico, si não morresse tão cedo, seria vítima das fogueiras papais (White, **Hist. da Luta entre a Ciencia e a Teologia**, pag. 79); e Campanella esteve preso 27 anos. Ete ultimo sendo interrogado, pelos padres, como sabia o que não havia aprendido, respondeu: "Para aprender lo que sé he gastado más aceite que vino habeis bebido vosotros". T. de Castilha, **Hist. de las Persecuciones Religiosas**, vol. 4, pag. 432).

Felizmente, depois de uma longa e terrível batalha, travada entre a Religião e a Ciencia, esta saiu vencedora, e hoje quasi ninguém crê numa Biblia reduzida a farrapos. A maioria do povo pensa com Guerra Junqueiro, que escreveu:

"Ha mais Deus, com certeza,
Nos cardos secos dum rochedo nu'
Que n'uma Biblia antiga... O' natureza,
A unica Biblia verdadeira és tu..."

Os povos que mais se apegaram á Biblia, ficaram na retaguarda do progresso. Durante mil anos a cristandade permaneceu no mais completo obscurantismo, devido á monopolização da Ciencia, feita pelo clero.

Enquanto os cristão estavam á mercê dos caprichos de um Deus antropomorfo, de um vertebrado-gazozo, que é o mais feroz, o mais sanguinario, o mais vingativo e o mais despota de todos os deuses, os sarracenos cultivam a Ciencia e faziam descobertas importantes; inventavam a aljebra e adiantavam-se na geometria e na trigonometria; estudavam a astronomia; fundavam bibliothecas e traduziam ao arabe obras estrangeiras; averiguavam o tamanho da terra e ficavam a duração do ano; no campo da química descobriam o ácido nítrico, o ácido sulfurico e o alcool; introduziam melhoras nas artes industriais; amavam a musica e adoravam a poesia!

Enquanto tudo isso se passava no mundo mussulmano, que faziam os cristãos?

Matavam, roubavam e oprimiam o pensamento.

Nesses seculos de trevas não se cultivava a ciencia e a higiene era desconhecida. Havia padres que viviam no meio do estercoro humano e passavam toda a sua existência sem levarem!

Um desses ignorantes apanhava os bichos que caiam das suas chagas, e tornava a colocá-los sobre elas, como prova de humildade cristã (E. Rhoidis, obra cit.)

Devido a essas imundicies e ao regresso da Ciencia, a vida média do homem era de 23 annos; ao passo que hoje é de 38!

E quando aparecia um sabio, aconselhando a higiene ou a vacina como preservativos das molestias que então abundavam, os monjes piedozos chamavam-n'o filho do demonio e atiravam-n'o aos cárceres clericales.

A cauza de toda essa ignorancia e estupidéz é a Biblia que é produto da amargura ardente dos orientais, como diz Fontenelle.

A Biblia! Sim; é a Biblia a cazadora da ignorancia, da rezignação dos sofrimentos de tantos milhões de creaturas! Sim; é a Biblia! Portanto, precisamos combatel-a sem treguas, procurando todos os seus erros, para apontal-os, um a um, ao povo sofredor.

Precizamos ter bastante corajem e energia, para enfretarmos toda esta canalha que nos odeia; e quando, devido ao receio do odio que possa cair sobre nós, for-se apagando o fogo que aquece o nosso coração, e a nossa pena vacilar, tímida, sobre o papel, devemos nos lembrar daqueles fortes, que mesmo diante dos supplicios inquisitoriaes, ainda sustentavam as belezas das doutrinas que pregavam!

Niterói.

Izauro PEIXOTO

A PATRIA DO TRABALHADOR EQUIVALE A' CAMIZA RASGADA QUE LHE COBRE AS COSTAS

Grande tem sido a algazarra que os patrioteiros de todos os matizes vêm fazendo a proposito da luta fratricida e barbara que ensanguenta o sólo da Europa.

E' um diluvio inclemente de confranjidos frazeologismos, de comoventes apelos estampados nos grandes rotativos, afim de levantar o entusiasmo e o espirito patriótico das massas ignaras, que se têm prestado até aqui a ser mísero juguete da hiena militarista, para satisfação dos ambiciosos e tiranos da terra.

A imprensa é o grande aparelho destinado a insuflar esse virus, esse sentimento idiota, estúpido e irracional, com que pretendem levar os descamisados, os "sem patria", á essa hecatombe sem nome que se chama guerra.

Digo estúpido e irracional porque se não justifica, por nenhum conceito, que o trabalhador, o pária, o escludo do patrimonio social, o que tudo faz e nada tem, o que é roubado, vilipendiado, desprezado; o que, numa palavra, morre de fome, — vá sacrificar a sua vida, em defeza duma patria que representa simplesmente o interesse de meia duzia de potentados, de ociosos, os quaes, refastelados nos seus gabinetes dourados, no meio das mais dezenfreadas libações e estonteantes orjias, agardam o resultado dessa luta barbara, inutil de milhões de seres irmanados pela mesma dor e imolados em holocausto ao Deus Capital.

Neste momento em que vibra com a maior intensidade a propaganda patriota-guerreira e que, como um redemoinho, a imprensa pretende levantar o entusiasmo da colonia portugueza no Brazil, por motivos da declaração de guerra feita pela Alemanha á Portugal, uma resposta altiva, enérgica, se impõe por parte dos trabalhadores portuguezes aos taes apolojistas da matança, aos gazeteiros de officio, aos amigos ursos; aos filantropos de todas as castas, que pretendem suscitar no cerebro do operario esse falso amor á patria, no intuito de o conduzir á esta carnificina estúpida e des-humana. E, num brado de justa repulsa, devem aqueles responder que, de fato, uma patria reclama a sua defeza. Mas essa patria é a mais legal, a mais justa: é a conquista de seus direitos, o logar a quem têm jus no banquete da vida todos os que nesta "civilizada" sociedade sofrem desprezo e tirania.

Certamente uma guerra é necessaria. Mas esta guerra deve ser sem treguas ao rejimem que nos oprime, com toda a engrenagem de explorações e imposturas de que até a presente data têm sido vítimas os trabalhadores.

Uma guerra, não para conquistas poli-

cas que alarguem ainda mais os uoínios do privilegio, mas para nos dignificar, nos elevar ao grão moral e material de perfeição no grande conceito da vida; para nos rejenerar e nos transportar a uma sociedade equitativa, de paz, de amor e de cultura.

Ainda não ha muito tempo que o povo de Lisboa, assim como o do Porto, foi forçado por circunstancias prementes da vida a lançar mão, por meios violentos, aos produtos alimenticios de que carecia. Dai uma pergunta: será justo que dentro da patria portugueza, tão decantada e homenageada pelos gazeteiros, o povo sofra os horrores da fome, e que, banindo todas as animozidades — como eles dizem — parta para a guerra, alegre e entuziasmado, na persuasão de que vai defender uma cauza nobre, justa, "heroiica", quando o que faz, na verdade, é deixar a sua familia na mais negra miséria no mais triste abandono?

Não obstante o espalhafato patriótico, é de esperar que os nobres trabalhadores portuguezes, particularmente os rezidentes no Brazil, não correspondam a esse apelo bombastico, abstendo-se de partir para o matadouro.

Muitos dos que lerem estas linhas, acharão, de certo, qu são a pura expressão da verdade; enquanto que outros se magoarão pelo modo rude com que pretendo estigmatizar o sentimento patriótico, tão profundamente arraigado nos seus cerebros.

Mas o que é incontestavel é que o operario não tem patria; ou, por outra, a sua patria é o universo — sem fronteiras, sem classes, sem privilegios, sem governos.

A patria do trabalhador é a camiza rasgada que lhe cobre as costas.

M. Sevete

O VALOR DAS PALAVRAS

Ao literato S. Heitor

Num conto da tua aradura, a que deste o título de **Victimas da Miséria**, escreveste um pedaço que me parece exigir reparo, tanto pela ignorancia criminoza da sua feitura, como pelo fato de manifesta insabidade sobre o valor das palavras. E, porque, todos nós que rabiscamos, devemos ter o maximo cuidado com a etimologia, delugenciando profundar o — porque — dos termos, e, por consequencia, não o desvirtuar o valor das palavras. — baze primordial, — eu sinto a necessidade de esclarecer-te um pouco, para que, de futuro, não voltes a errar.

Eis o pedaço da tua proza, que despertou em mim tão solícito razoamento.

— Que maus, são os ricos! pensou Pedrinho. E desde aquelle momento o germen do odio foi crescendo em seu peito, e sonhou que era um homem, e que era anarchista. Roubava, matava, era um assassino!

Aqui é que está o dearreico.

Passo a esclarecer-te:

— Anarquista, não é sinonimo de ladrão ou assassino.

Anarquista, como termo filozofico que é, deve ser tomado na sua acepção propria, que nada tem de ver com os crimes, pois que significa simplesmente: — **um estado social, em que a direcção do individuo por si mesmo, é o unico governo legitimo**

Dil-o todos os bons dicionarios, a começar pelo **Century-Dictionary**, o melhor, talvez:

— **Anarquia: — Teoria social cujo ideal é a união da ordem com o governo do homem**

— Comtudo, para ti, parece que o anarchismo não é uma doutrina filozofica ou um programa social.

E' uma bomba!

Mas, então, nesse cazo, não lia, manifestamente, anarchistas no Brazil, visto que não estremeceram as vidraças de nenhum palacete.

Tu assim, desvirtuando o sentido e o valor da gramatica, estabelecias a confusão e arrasta-nos a um caminho, no qual, por fim, ninguém se entenderá.

Além disso, é necessario, não confundir individualidades que proclamam o amor e a paz.

Para ti, para a maioria do povo, e, ainda para a gente **pretensamente** illustrada, a palavra **Anarquia**, designa: destruição, extermínio.

Criminosa ignorancia e indesculpavel insabidade filozofica!...

Anarquista, como verás, — repito, — em dicionaristas merecedores de tal nome, é todo o homem que dezeja a sociedade bazeada na mais estreita solidariedade. E' todo aquelle que reclama a satisfação de todas as suas necessidades, é o que exige liberdade completa em todos os seus modos de atividade, sem que essa liberdade

vá lezar os direitos dos seus semelhantes. O que o anarchista pretende destruir é o actual regimen de iniquidades e injustiças, o que dezeja exterminar é tudo que seja contrario o bem estar da grande familia humana.

Assim, pois provado fica que o crime não é característico nos anarchistas, como anarchista nunca foi sinonimo de desordem, tumulto, etc., etc.

Demais, é historicamente sabido que os atos de revolta individual e mesmo coletiva, nem sempre são anarchicos.

D. Afonso, que guerreou sua mãe, D. Diniz que odiava seu irmão e o proprio filho, D. Afonso, que lutou com seu irmão, D. Miguel, que inutilizou seu paer, decerto não eram anarchistas.

Todas estas figuras estabeleceram a dezordem, não a favor dos oprimidos e dos esfomeados, mas por um sentimento baixo de ambição, ferocidade e vingança.

O'ra, o que os anarchistas querem é liberdade, amor, justiça, fraternidade, concordia. O que eles ambicionam é o direito á vida, seja qual fór a parte do mundo onde se nasce, a cor, o idioma.

Não é pois, um ideal de dezordem, de assassinato, de rapinagem. E' a concepção suprema do bem, do saber. E' a mais absoluta felicidade, bazeada na egualdade e na fraternidade. E' a Vida e não a morte. A Vida triunfante e bela. A Vida natural.

Dizes tu que, para conceber um ideal novo, é preciso certa força cerebral, e, para propagal-o e vive-lo, é preciso ainda boa porção de energia moral, que nos alente e fortaleça nos períodos de perseguição de que são victimas os defensores de todas as formas sociais, energias que não possuem as naturezas — **regressivas ou decadentes**, — pois que, representam as correntes que, em direção á morte, — que é o passado, — houve sempre na humanidade.

Dai brota que ha intelijencias que não não comprehendem os ideais de vida nova, das correntes que se dirijem ao futuro, de cuja difusão e propaganda tem de se encarregar as naturezas sãs e fortes.

No entanto, como muito bem disse o illustre escritor **Charles Malato**: — "se uma idéa nos parece justa, propaguemol-a, em hora não possamos determinar o momento preciso da sua realização.

Quanto mais depressa fór semeada nos cerebros, mais depressa terá possibilidades de realizar-se."

Creio, pois, ter dito alguma coisa a impedir-te que, novamente, atentes contra a filozofia que ha tantos anos merece o respeito, o sacrificio e até o sangue dos maiores sabios do mundo. Ao mesmo tempo, creio tambem que, neste arrazoado de bom amigo, consegui, sem maior custo, que não invertas mais o precioso valor das palavras.

Ao contrario, qualquer dia, um medico burro, ao fazer o diagnóstico de um diarrico, escreverá:—

—Anarquia intestinal aguda.

São Paulo, Fevereiro, 1916.

...Romualdo Figueiredo

Artista dramático

INTERESSES DA PROPAGANDA

Centro Operario da Barra do Pirahy — Convidados por este Centro que dezeja efetuar um comicio de protesto relembrendo a tragedia de Chicago, alguns camaradas irão á Barra do Pirahy, no dia 1º de Maio, afim de tomarem parte neste ato de propaganda, no qual farão uma exposição de nossas idéas.

1º de Maio — 1º de Maio representa uma das mais brilhantes e gloriozas páginas da historia da emancipação humana. Ele é um grito quente de protesto contra a ganancia do Capitalismo, contra a violencia da Autoridade, contra a tirania dos Governos. Marco luminoso da Liberdade, 1º de Maio, enquanto durar a infame exploração do homem pelo homem, hade constituir a vergonha da Burguezia. Evocar sempre o dolorozo espetáculo da ezeução criminoza de varios homens, pelo fato imperdoavel de terem posto a sua voz, esforço e intellijencia ao serviço desse imenso povo que, produtor embora de tudo quanto existe, arrasta, entretanto, por ai afóra num martirio interminavel...

Não deve, pois, passar em silencio data tão impotente. Assim o comprehendendo, o grupo editor de "Na Barricada" pretende publicar para esse dia um numero dedicado especialmente aos lutozozos acontecimentos desenrolados em Chicago, nos anos de 1886-87. Espera conseguir mesmo uma grande tiragem. Para isso é necessario, entretanto, o auxilio de odos os camaradas.

Que aqueles, portanto, que estejam de acôrdo com essa iniciativa, principiem a

enviar o mais depressa possível para a caixa postal 1.936, as importâncias com que desejarem contribuir para a realização do objetivo do Grupo Editor.

Que os companheiros reflitam...
Velada Social — Os camaradas do grupo Teatro Livre pretendem levar a efeito, em benefício de "Na Barricada", uma festa de propaganda social em 20 de Maio.

Essa festa que se realizará na sede da Federação Operária, praça Tiradentes 71, constará de conferência peça theatral, bailes, etc. — 1\$000 a entrada.

O que querem os anarquistas — Conforme já temos publicado (ver o nosso n.2) um grupo de libertários tencionava fazer uma grande edição de excelente folheto de Thonar: **O que querem os anarquistas**.

Estão, porém, à espera de munições...

Proletariado

SINDICATO DOS SAPATEIROS

De ha mez e meio que este sindicato se encontra em agitação.

O motivo é simples. Antes da guerra desta maldita guerra, os operários que se dedicavam à obra virada a Luiz XV tinham sempre muito trabalho e boa paga.

Veiu, porém, a carnificina, e, sob o pretexto de encarecimento dos couros, vizando como sempre sordidos lucros, começaram os burguezes a diminuir o preço da mão de obra. Dai a digna revolta dos sapateiros. Dai organizarem eles uma tabela de preços e procurarem impô-la aos patrões, nove dos quais já a assignaram.

Não fosse a teimosia ou ganancia de alguns burguezes e a tabela, razoavel e justa como é, já estaria vigorando.

Contam, entretanto, os sapateiros sejam atendidas as suas reclamações. E nesse sentido estão ajindo.

Ponta-Grossa, 10 de Março de 1916.
Aos camaradas da Confederação Operária Brasileira

Os abaixo assinados, componentes da Sociedade do Trabalho, com sede na cidade acima, estado do Paraná, considerando a impossibilidade de manter em proveitoso funcionamento a referida sociedade, resolvem de comum acôrdo a dissolução da mesma, pelos motivos que passam a espôr.

Apoz tenaz propaganda, um reduzido grupo de operários confientes, anciosos pela libertação do proletariado, resolveu fundar uma agremiação com o fim de dar combate à ganancia capitalista e propugnar pelo levantamento moral e intelectual de sua classe.

A 13 de Julho de 1913, em assembléa geral convocada para esse fim, foi, com efeito, fundada a Sociedade do Trabalho, sendo aprovados seus estatutos e filiada à Confederação Operária Brasileira.

Dentro em pouco, contava a Sociedade 24 socios registrados, fóra grande numero que já se aprestava para se lhe filiar.

Vendo, porém, que a picareta libertaria se apontava para demolir os seus já carcomidos alicerces, sãe a campo a buguesia local, fundando a Sociedade Iperaria Beneficente com baze no mutualismo e outras drogas mais.

Desviados por esse modo os operários, atraídos por falsas promessas uns, e ameaçados outros com a perda de seus empregos, não tardou que os efeitos dessa campanha desleal se fizessem sentir em nossa agremiação, que, fraca para a resistencia, não pôde suportar o rude golpe que a tinha atinjido em plena organização.

Julgando, pois, que seria improficua qualquer reacção, tinhamos resolvido abandonar temporariamente a propaganda, esperando que em breve a recomencássemos com raios elementares para a victoria.

Triste desilusão... Não só éramos repellidos quando falavamos a algum operário, como também ameaçados pelos mandões e capitalistas locais!

Considerando que a atual falta de trabalho é um dos grandes fatores do dezanimo que acovarda os nossos infelizes camaradas, a ponto de se julgarem satisfeitos quando encontram trabalho pela comida e quatro ou cinco chicotadas; considerando ainda que, além de nosso pouco preparo, somos em numero insufficiente para tentar mais uma vez a propaganda, resolvemos adiar a nossa acção para melhor oportunidade e remeter à Confederação Operária Brasileira, "Na Barricada", Escolas Modernas de S. Paulo e "A Lanterna", os fundos em dinheiro que temos em caixa.

Com esta atitude, não pensamos abandonar definitivamente os nossos interesses — o que seria uma covardia. Logo que seja

possível quando a ocasião oferecer melhores resultados que os que infelizmente tivemos em trez anos de lutas estereis, tentaremos organizar o operariado, concios de que sómente assim poderemos sacudir o fardo que nos oprime.

Na redação de "Na Barricada" devem os camaradas procurar a quantia de 73\$000 que reservamos para o Confederação, quota essa que, junto a de 70\$000 com que rezolvemos auxiliar o valente orgam de propaganda, para ai seguiu num cheque.

Aos camaradas da Confederação e, em especial, aos denodados companheiros José Alves e A. Moreira, agradecemos o valioso auxilio que prestaram à propaganda da Sociedade.

Saude e Fraternidade.
José Quintas
Pedro Colli
Adolpho Paulista R.
Antonio Ricetti.

SOCIEDADE DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM TRAPICHES E CAFE'

Realiza-se hoje a festa annual desta associação, em comemoração do seu aniversario.

Foram convidadas todas as associações operárias desta cidade, bem como alguns camaradas dos mais ativos no movimento operário do Rio.

E' de esperar que esta festa venha proporcionar uma boa noite de propaganda.

E' a seguinte a nova diretoria a ser empossada hoje:

Presidente, Romulo Moura Castro; 1º secretario, José Fernandes Ribeiro; 2º secretario, Antonio Pereira 2º; tesoureiro, Ernesto Lucio Custodio; procurador, Fernandes Paredes; fiscal geral, Rafael Serrato Muñoz; conselheiros, José Arias de Castro, Alfredo João da Silva, Antonio Pereira 1º, José Emilio C. Fonseca, Silvino Gomes, Romeu Marçal, Antonio Fernandes 5º, Antenor dos Santos, Francisco Hipolito dos Santos, Antenor Ferreira, Mariano Bento, Antenor Carneiro.

RIFAS DE NA BARRICADA

Como os camaradas sabem, já se realizaram duas rifas em beneficio de "Na Barricada". A primeira, que constava de um exemplar da **Historia Universal** de Cesar Cantu coube ao numero 839, vendido ao camarada Ernesto Roberto. A segunda, constou de um exemplar da obra de **Elizeu Reclus, El Hombre y la Tierra**, coube ao numero 791. Não publicamos o resultado desta ultima rifa porque a maior parte dos camaradas ainda não saldaram as suas contas com este grupo. Esperamos que o façam antes do dia 1º de Maio, dia em que aparecerá este jornal, trazendo os balancetes que não é possível publicar hoje.

Assim também, rogamos a todos quantos tenham dividas com o jornal, procurarem saldalas a tempo, afim de que os balancetes sejam perfeitos.

BILHETES E RECADOS

Barboza (Pelotas) — Recebi o chumbo e os bilhetes. O numero premiado foi o 791.

Olimpio de Santana (Maceió) — Esperamos o que nos prometias na tua carta de 7 de fevereiro.

Placido (Pará) — Recebentes a carta e a importancia do vale.

Eufrozino M. Carneiro (Pernambuco) — Esperamos que nos informes do resultado da rifa. O n. premiado foi 791.

Hermojeneo (Cruzeiro) — Esperamos noticias.

Pedro B. Mantes (Pernambuco) — Esperamos o resultado.

Cecilio (Porto Alegre) — Esqueceste-te de "Na Barricada"?

Domingos F. Pedro (Santos) — Esperamos noticias.

Edgard (São Paulo) — Vê si dás sinal de vida. Já não é sem tempo.

Nernando A. Gomes (Lisboa) — Recebemos os folhetos.

Pedro Colli (Ponta Grossa) — Recebemos a tua carta e a importancia da assinatura.

O FILHO

A velha tinha um filho. Um moço espadado e sorumbatico, esfarrapado, descalço e torvo. Nunca trabalhára. Era a mãe, a velha hirsuta e farrapeirona quem o sustentava. Logo de manhã viam-na, com o seu gancho, rebuscar todos os caixotes, todas as valetas, a flor de todos as vazas. Viam-na nos enterros, viam-na nos bodos, furando, empurrando, ameaçadora, resmungona, insaciada. Era má, dizia-se. Parecia um farrapo de gente, e todos na vizinhança a conheciam pela "Velha". Amigos não tinha, não se dava com alguém e os conluos linguareiros da vizinhança encontravam a sua boca e a sua porta fechadas. Era egoista, a velha. Queriam uns que ela fosse bruxa, outros que ela fosse ladra. No páteo dividiam-se as opiniões, que não falavam alto porque a catadura feroz do filho intimidava os mais ousados, que até de morte o julgavam capaz. Fosse como fosse a velha e o filho viviam juntos e davam-se como Deus com os anjos. Ela, a farrapeirona misteriosa e cheia de rancor. Ele, o aciganado malandro, abraçava-lhe a cabeça branca e tinha-lhe um amor ce-go e violento. Viviam um para o outro, ambos amigos, ambos fe-rozes.

Fôra bonita a velha, e como tivera coração, amara. O homem morrera-lhe esfaqueado e ela, limpando as lágrimas, transferira para o filho pequenito, que dormia dentro de uma canastra, todo o dedicado amor que lhe tinha. Então, comeu fartamente o pão que o Diabo amassou e, sempre com o filho agarrado, correu todos os recantos desta cidade enorme e egoista. Por ele se prostituiu, por ele roubou, por ele sofreu. Ele foi crescendo, crescendo, fez-se homem. Desabrochou na lama, á chuva, ao vento, á neve, ao frio, á tempestade. E agora éle, quando alguém se aproximava da mãe, rosnava como um cão de guarda e tinha o aspecto da loba a quem querem tocar nos filhos. Ela não via outra coisa. Bom, são, amado, fiel, forte e grande como o seu filho não havia outro. Entendiam-se, batiam juntos sem cansaço aqueles dois corações.

Um belo dia vieram-lhe buscar o filho para militar. Ela rugiu, chorou, rojou-se, implorou, bateu, mas não conseguiu nada. Uns homens sem alma levaram-lhe o filho e ela ficou só. Naquela noite não acendeu luz e os vizinhos que tinham visto levar o vadio vieram espreitar se ela choraria, para festejarem o ato com vaias e remoques. Mas não. A velha não chorava. No outro dia o gancho não revolveu o ventre dos caixotes e das sargetas. Julgaram que a velha morrera. Opinavam uns que que se devia arrombar a porta, outros que não, até que um que trepou ao telhado a viu acocorada, viva, mas imobil. E a velha, entre o ódio da vizinhança, embranqueceu mais, tornou-se mais repelente, mais sinistra. Dentro dela, porém, o seu coração batia ansiosamente. Esperava impacientemente a volta do filho, do filho que era toda a sua alma, do

filho que era toda a sua vida, e por quem se prostituira, batera, lutára, roubára, sofrera...

O filho não voltou e um belo dia um vizinho disse-lhe que ele morrera na guerra. Disséramos esta noticia a rir, com infinito do, comprazendo-se em rir e coraçáo da velha bruxa. Ela empedernira. Depois uivára. E, alta noite, sonambulica, atordoados o pátio bradando pelo filho. A guerra? Mas o que tinha o seu filho com a guerra? Acaso éle a vocára? Ele não podia ter morrido, tão forte, tão belo, tão bom. A guerra? Mas que fizera éle para o matarem? Que fizera? Morrera pela Pátria, fóra um herói, disseram-lhe alguém compadecido da sua dôr. Pela Pátria? Mas éle não tinha Pátria. O frio, a chuva, o vento e a lama são de toda a parte. A fome é de todos os paizes. Não. Roubaram-lhe o filho. Que tinha éle com a Pátria? Que demónio lhe importava que os seus trapos fossem roxos ou azuis? Ele, o maltrapilho, não tinha dinheiro, nem terras, nem gados, nem adegas a defender. A Pátria? Mas o que tinha a Pátria com éle. Acaso todo o sofrimento em que éle fóra criado, pelas intempéries que lhe concedera ela ezijira agora todo o seu sangue, toda a sua vida? Mas isso era o absurdo. O seu filho era seu, só seu. Fóra éle que o criára com o seu leite, quem o aconchegara ao seu calor, quem ganhava as suas sôpas. A Pátria? A Guerra? Mas o que tinham que ver com o seu filho, com o seu amor, essas duas mejeras?

Envelheceu mais, sordida, esqueletica, miseravel. Odiou, odeia sinistramente. Pede a toda gente o seu filho, enternecida, cora e soluça. Dentro daquela cabeça há o inferno. E como ninguem lhe pode dar o vadio que uma bala levou, pragueja, blafesma, insulta. Tem olhares fulminantes, gestos de harpia. E quando nas noites de inverno a chuva cai, o vento sacode as arvores, as luzes e os prédios, e a tempestade gargalha e luta, a velha vem pedir, uivando, aos elementos em furia o seu filho. Ao vento, á chuva, á rajada, seus velhos companheiros, que lhe restituam o filho amado. Enrouquece e a sua voz rouca tem qualquer coisa de sinistro. Depois como os elementos permanecem insensíveis, ela, desolada, tiritando, cala-se e sente-se uivar na negridão da noite o seu coração que, como um animal feroz, revolve e estaçalha a saudade do filho que lhe roubaram...

Albino Forjaz de Sampaio

Igrejas abandonadas

Os clericais norte-americanos lamentam-se por causa do numero crescente de igrejas abandonadas — o que não os impede de continuar a "cavar" fundo para os outros... Nos E. Unidos ha 305 igrejas abandonadas. Também falta pessoal, pois só existem 170 mil ministros para 220 mil igrejas. Contudo, e em paga, gastaram se 350 milhões de dólares (1:500\$ da nossa moeda) na construção de novas igrejas, durante os ultimos dez anos. ...E tantos pobres sem abrigo!